



PRAZER ARMADO PRETO

ALGUMAS NOTAS PARA UMA TEORIA
PRETA DA ANARQUIA INSURRECIONAL

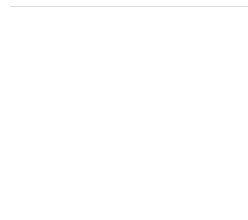
título original: *Black Armed Joy -
Some Notes Towards a Black Theory of
Insurrectionary Anarchy.*
texto anônimo, 2022.

publicado originalmente em inglês pelo
coletivo Haters Cafe em haters.noblogs.org.

tradução de edições insurrectas,
inverno de 2023.

este texto está disponível em
edicoesinsurrectas.noblogs.org

**INCITAMOS À PIRATARIA,
ODIAMOS A PROPRIEDADE!**



PRAZER ARMADO PRETO: ALGUMAS NOTAS PARA UMA TEORIA PRETA DA ANARQUIA INSURRECIONAL

*Este ensaio é dedicado à memória
de nosso ancião revolucionário,
teórico e guerreiro Russell Maroon Shoatz.*

Este ensaio foi inspirado parcialmente por um de nossos compas enquanto discutíamos as falhas da não-violência como tática e filosofia. Ele disse algo como “fui criado por radicais das décadas de 1960 e 1970. Se você era umx *pantera* e fosse pegx, estava fazendo algo errado.” Este zine é fruto de uma variedade de conversas entre anarquistas pretxs durante a rebelião por conta do assassinato de George Floyd, embora muitos desses fios de pensamento tenham existido antes desse momento. Temos três perguntas que esperamos abordar neste zine.

O que significa uma posição anarquista insurrecional enraizada no radicalismo preto e na revolta preta? Como o ambiente anarquista insurrecional branco tem falhado atualmente? Como revolucionárixs pretxs podem espalhar a insurreição?

O QUE É ANARQUIA INSURRECIONAL?

Para as pessoas que não estão familiarizadas, “anarquismo” não significa “caos” e nem “insurreição” significa “destruição irracional”. O anarquismo é uma noção de auto-organização social, traduzido etimologicamente de “Anarkhos”, que em grego significa “sem governante”. Portanto, nas palavras do Elder Lorenzo Komboa Ervin, “anarquistas são praticantes de uma revolução social que busca uma federação sem Estado, sem classe, livre e cooperativa de comunidades descentralizadas baseadas na propriedade social, na liberdade individual e na autogestão autônoma da vida social e econômica”. Quando discutimos o anarquismo insurrecional, estamos discutindo uma tendência dentro do movimento anarquista que se concentra na insurreição como a prática revolucionária central. Insurreição entendida como os fenômenos sociais da rebelião consumada; a violenta redistribuição de propriedade privada, terra e justiça pelas massas agitadas.

O conceito de ataque e o conflito permanente com as forças hierárquicas são centrais para o anarquismo insurrecional. Anarquistas insurrecionais não acreditam no “poder dual”¹ ou no voto como caminhos para a liberdade. As instituições que atualmente defendem o capitalismo racial e todas as outras forças de dominação devem ser esmagadas. Não pode haver revolução sem revolucionárixs que devem estar envolvidos em realizar ações contra o Estado e o capital. Por fim, anarquistas insurrecionais valorizam e consideram a autoiniciativa das massas como um elemento importante. Embora não negligenciem a organização, anar-

1 Nota de Tradução.: “poder dual” é o nome dado à estratégia utilizada por parte de grupos anarquistas, socialistas e comunistas que apostam nos laços comunitários e de fortalecimento como modo de oposição ao poder estatal.

quistas insurrecionais entendem as insurreições como um fenômeno revolucionário social, não militar.

É a autoiniciativa das pessoas exploradas e oprimidas que impulsiona a revolução, e não as ações de partidos leninistas ou os chamados sindicatos revolucionários. Insurrecionais enfatizam a natureza informal da revolução e da organização. Para destruir este mundo, a revolução deve acontecer de baixo para cima e incluir todxs, caso contrário não ocorrerá. Definimos os termos do anarquismo insurrecional aqui antes de lançarmos nossa crítica para expor a leitorxs que não possuem familiaridade com o assunto a fim de evitar confusões.

RUMO A UMA ANARQUIA INSURRECIONAL PRETA

É nosso dever lutar por nossa liberdade. É nosso dever vencer. Devemos nos amar e nos apoiar. Não temos nada a perder além de nossas correntes. (Assata Shakur)

O MOMENTO CRÍTICO

É imperativo desenvolvermos uma posição anarquista insurrecional preta. A história da luta preta neste país é uma história de revolta por todos os meios necessários. É uma história de ataque constante das massas pretas contra os poderes capitalistas e coloniais que nos escravizaram. Os eventos de 2020 lembraram a muitxs de nós essa história e esse legado. Apesar disso, grupos liberais pretos buscam apagar de nossa memória a rebelião ocorrida por conta do assassinato de George Floyd. Parte da “esquerda” preta espera fazer o mesmo com o objetivo de nos sugar para as mesmas organizações que em 50 anos não produziram nada além de protestos simbólicos e conferências inúteis.

NOSSA HISTÓRIA

Indo mais a fundo, muitas das frações reformistas e autoritárias da esquerda preta desejam reduzir a história de história radical preta a uma organização simplesmente formal. Apesar de citarem figuras como Assata Shakur, elas rotulam qualquer tipo de atividade insurrecional preta como “apressada demais” ou “não-planejada”, bem como reclamam sobre a extrema-esquerda estar “arruinando” seus planos de revolução, apesar das ações da juventude preta revoltada no verão de 2020. Elas não querem que pretxs estudem as táticas do Exército de Libertação Negra. Desejam apagar Kuwasi Balagoon e seus modos rebeldes. Desejam apagar como Assata Shakur foi libertada. Desejam apagar a greve geral das pessoas escravizadas. Eles desejam ignorar os *Maroons*². Elas só querem que participemos de suas campanhas reformistas, como *Defund the police* (desfinanciar a polícia) ou *Community Control of the Police* (N.T.: projeto que visa criar um sistema policial responsável por meio do controle comunitário). O insurrecionalismo preto deve rejeitar posições desse tipo.

A INSURREIÇÃO QUE VEM

Buscamos conflitos não mediados e intransigentes com o Estado e o capital. É abundantemente explícito que, no verão passado, as massas pretas provaram estar desinteressadas em “*Defund...*” ou “*Community Control of the Police*” e, ao invés disso, optaram por enfrentar policiais e

2 Termo utilizado em grande parte do continente americano para se referir a africanxs e descendentes escravizadxs, que se rebelavam e fugiam, estabelecendo comunidades autônomas de resistência. No território dominado pelo Estado brasileiro, esses espaços foram chamados de quilombo.

saquear lojas. Rejeitamos a não-violência e as concessões. Nas palavras de Élder George Jackson: “Devemos aceitar a eventualidade de colocar os EUA de joelhos; aceitar o fechamento de regiões críticas da cidade com arame farpado, carros blindados cruzando as ruas, soldados em todos os lugares, submetralhadoras apontadas na altura do estômago, fumaça ondulando no céu, cheiro de cordite, buscas nas casas, portas sendo arrombadas, a banalidade da morte”. Todo mundo viu o Terceiro distrito policial de Minneapolis queimado até as cinzas³. Rejeitamos o uso as prisões táticas. Rejeitamos protestos e marchas simbólicas que levam continuamente a mais violência da polícia sem revide. Compartilhamos uma percepção fundamental de que insurrecionais pretxs devem procurar dismantelar todos os sistemas opressivos, mesmo dentro das chamadas organizações e cenas “radicais”. Viver a anarquia significa viver a partir de princípios, o que implica em desmontarmos no agora os sistemas (da melhor maneira possível) deste mundo.

A IMPORTÂNCIA DO ATAQUE

Embora tenha havido algumas formações, como *Salish Sea Black Autonomists*, que ligaram o radicalismo preto com a anarquia insurrecional, sentimos que é continuamente importante apontar como o ataque e a conflitualidade são centrais para qualquer ação anarquista preta séria e preocupada com a mudança revolucionária. Com o ressurgimento do interesse nas formas anárquicas pretas radicais presentes nas obras de William C Anderson, Zoe Samudzi, Anarkatas e Lorenzo Kom'boa Ervin, achamos importante que anarquistas pretxs não caiam na armadilha de acreditar que apenas a prefiguração será suficiente para a revolu-

3 N.T.: incendiada durante a insurreição por conta do assassinado de George Floyd.

ção. Devemos atacar fisicamente a estrutura da supremacia branca por qualquer meio necessário. Simplesmente construir cooperativas de proprietárixs pretxs não é suficiente. Embora acreditemos que o trabalho da *Cooperation Jackson*⁴ seja importante, é insuficiente apenas construir cooperativas para “desativar” o capitalismo quando a realidade é a de que o Estado poderia facilmente reprimir essas “comunais” através de leis ou por meio da força pura. Não há saída para esse pesadelo capital, a não ser por meio de ataque implacável, luta, experiência e introspecção.

O CHAMADO “APOIO MÚTUO”

Consideramos importante analisar criticamente o ressurgimento da prática do “apoio mútuo”. Muitos trabalhos que se apresentam sob esse termo são, na realidade, apenas um trabalho redistributivo com um rótulo radical. Embora não sejamos opostxs a esse tipo de ação por princípio, pois ajuda a construir relacionamentos entre revolucionárixs, a questão é que o verdadeiro apoio mútuo como conceito está mais presente nas comunidades *queer* pretas que fazem *GoFundMes* umas para as outras do que em organizações radicais praticantes de algo equivalente à caridade de esquerda. Postulamos que se o apoio mútuo não contribui para o desenvolvimento de uma economia revolucionária de subsistência, então deve ser criticado. Infelizmente, a maior parte do “apoio mútuo” que acontece agora não é de natureza mútua. Além disso, não

4 N.T.: rede de cooperativas localizada na cidade de Jackson, Mississipi, que se define como uma iniciativa para “desenvolver uma série de instituições democráticas independentes, mas conectadas, para capacitar trabalhadorxs e residentes de Jackson, particularmente para atender às necessidades de pessoas pobres, desempregadas, residentes pretas e latinas”.

confronta o poder. Acreditamos que a reciprocidade é um elemento crítico e insurrecional.

Por exemplo, muitxs na esquerda categorizam os saques em massa que aconteceram em 2020 como ações de criminosxs ou como atos “não-políticos”, enquanto, na verdade, pretxs liberando recursos e mercadorias das corporações é algo muito mais revolucionário do que a maioria das “organizações” feitas por grupos de esquerda ou abolicionistas neste país. A expropriação dos capitalistas criará a base para nossa economia de subsistência. Devemos pensar na bravura revolucionária e na solidariedade que esses atos inspiraram enquanto olhamos para a propriedade militante, para reivindicações de terras e expropriações de capital no futuro. Devemos olhar mais para esses tipos de exemplos de apoio mútuo em oposição a um modelo mais orientado por ONGs de caridade.

Nossa crítica ao apoio mútuo é semelhante à nossa crítica ao “poder dual” ou à “economia solidária”. Sozinho, o apoio mútuo não é suficiente para enfrentar e destruir o capital. Não podemos simplesmente “optar por sair” do capitalismo. Devemos nos tornar ingovernáveis. As Comunas Pretas devem surgir da insurreição preta, como aprendemos com Lorenzo Kom'boa Ervin.

CONTRA A INSURREIÇÃO BRANCA

Dedicamos esta seção à memória de Antonio Mays Jr, que foi assassinado por um esquerdista branco na chamada CHAZ (Capitol Hill Autonomous Zone – Zona Autônoma de Capitol Hill). Também dedicamos esta seção a Michael Reinhoel, Eric G. King e David Gilbert. Incentivamos revolucionárixs brancxs na América a seguir seus exemplos revolucionários. Se houver uma revolução a ser realizada, deve haver menos conversa e mais ação.

Do nosso ponto de vista, o meio anarquista insurrecional nos Estados Unidos é principalmente branco em composição e análise. Sua análise racial realmente não reconhece as capacidades insurrecionais das massas pretas e suas tentativas são frequentemente fetichistas. A maioria das análises anarquistas e da teoria insurrecional se concentra na Europa como o principal exemplo de revolta. Quando os meios insurrecionais, como meninxs brancxs da publicação *Ill Will*, se concentram na revolta preta, minimizam a dinâmica racial dos tumultos, rotulando tudo como “multirracial”. Sem uma compreensão adequada da experiência de ser pretx, não há entendimento de como nutrir a revolta preta além de seus estágios iniciais. Desnecessário dizer que essa experiência e a linha de frente devem ser feitas por quem vive às margens do capitalismo racial; mulheres, trans, lésbicas, gays e outros grupos oprimidos sexual e racialmente.

Além disso, entendemos o caráter juvenil da insurreição, pois aqueles jovens que vivem em nossas cidades têm mais a ganhar com os estágios iniciais de nossa revolução. Enquanto a rebelião por George Floyd de 2020 não se limitava apenas às pessoas pretas que participavam, insurrecionalistas brancxs que buscam universalizar a revolta preta são os tipos de “*All Lives Matter*” do movimento anarquista.

Corremos o risco de sermos acusadxs de perpetuar o mito do “agitador branco externo” escrevendo este ensaio, mas a realidade é que a branquitude e a anti-negritude continuam mesmo durante um tumulto e depois dele. É anti-materialista ignorar essa realidade, sugerindo que, ao sairmos todxs às ruas, nossas ações seriam vistas do mesmo aos olhos do Estado. Tais insurrecionalistas brancxs não conseguem entender como sua própria branquitude continua a existir dentro e além do tumulto, em vez de acreditar que a raça é transcendida magicamente quando quebram uma janela. Insurrecionalistas brancxs não se envol-

vem com a longa história insurrecional preta neste país, tentando importar estratégias e táticas de outras revoltas aqui para os Estados Unidos... por favor, *cale a boca* sobre a França! Isso não quer dizer que não haja elementos de luta em lugares como Palestina e Rojava ou Amerika Central e do Sul de luta contra o Estado e a polícia. Nossa opressão é semelhante em forma e estrutura e, portanto, nossos métodos de resistência também serão semelhantes.

De fato, acreditamos que insurrecionais brancxs têm muito pouco a nos ensinar sobre nossa luta. Por exemplo, o medo e a crítica em torno de armas em manifestações que surgiram no verão passado por parte de várias publicações e reportagens “anarquistas” dizem bastante sobre isso. A luta armada sempre fez parte da atividade insurrecional preta. Além disso, não faz absolutamente nenhum sentido lutar contra a violência estatal e fascista usando menos meios de violência em comparação com nossos inimigos.

Lembramos que América tem a maior quantidade de armas disponíveis para a sociedade civil no mundo “desenvolvido”. De fato, a luta armada é uma parte central das bases fundadores e do desenvolvimento cultural deste país. Planejamos usar todos os elementos da criação da América para destruí-la. Por qual motivo não é perguntado por que George Washington, Lincoln, até Stalin, Mao e anarquistas brancxs em todo o mundo utilizam da luta armada? Não há mudanças no poder ou dominação, a não ser com força. Intuitivamente, estamos bem cientes da existência e da “preparação para o dia do juízo final” da milícia de extrema direita e das células fascistas que pretendem promover nossa extinção. Também estamos cientes da infiltração desses fascistas aceleracionistas em “nossas” agências federais, estaduais e locais de aplicação da lei e nas forças armadas nacionais. Portanto, faremos guerra contra a supremacia branca em todas as frentes. A esquerda branca pode acreditar

que temos um desejo de morte ou que nossas vidas sejam dispensáveis, mas temos a intenção de provar o contrário.

A preocupação de anarquistas brancxs sobre “guerra simétrica” ou “violência horizontal” reflete um mal-entendido, talvez intencional, da história e do poder neste país. Este país já está em uma guerra civil, cujos remanescentes formam as bases da atual guerra cultural. Nas rebeliões de 2020 ressurgiram a apreensão histórica de anarquistas brancxs em relação aos métodos insurrecionais pretos, ou seja, armas em protestos/ações diretas. Recomendamos que reservem um momento para refletir sobre a realidade de que, nos Estados Unidos, pretxs foram e continuarão sendo forçados a enfrentar brancxs que continuam atuando como representantes do Estado. Pretendemos fazer como nossxs ancestrais fizeram e usar todos os meios disponíveis para lutar contra essas pessoas, independentemente do medo de armas de certxs anarquistas brancxs. Idris Robinson fala diretamente sobre esse medo branco em sua carta aberta a Michal Reinoehl⁵:

O que o duplo padrão em relação à sua situação revela é como a violência na América sempre terá uma dimensão profundamente racial. E é precisamente isso – o núcleo aterrorizante da violência racializada – que eles estão tentando reprimir quando mentem para si mesmos e aos outros quando dizem que o problema com o que você fez é uma questão de estratégia ou tática. Quero dizer, me dê um tempo: em um país que é literalmente saturado em violência, desde atiradores em massa até policiais, ninguém pode honestamente afirmar que

5 N.T.: Michael Reinoehl foi um antifascista branco que matou a tiros, em 29 de agosto de 2020, na cidade de Portland, o fascista Aaron Danielson, membro do grupo de extrema-direita Patriot Prayer, durante a insurreição após o caso George Floyd. Reinoehl foi assassinado pelos policiais em uma operação do FBI que buscava prendê-lo. A justificativa é que ele teria recebido a polícia a tiros.

os poucos tiros que você deu podem de alguma forma serem incorretos por levarem a uma escalada. Simplesmente não há como evitar a espiral da violência que começou no exato momento em que as primeiras caravelas chegaram às margens do Atlântico..

A esquerda branca hoje em dia deve entender o fato de que algumas pessoas de suas próprias famílias, supostas amigas e ídolas terão que ser atacadas pela violência revolucionária se agirem como representantes violentas do Estado, se forem fascistas ou racistas. Quem não entende nossa luta pode ver essa posição como “aventureirismo”, mas é apenas senso comum diminuir a violência racializada com uma frente unida contra a violência, que transcende as fronteiras raciais, psicológicas e sociais do colonialismo em estágios subsequentes do conflito armado. Em outras palavras, buscamos generalizar o conflito armado entre os povos norte-americanos unidos contra o Estado, contra todos os Estados, até que a maquinaria hegemônica e os pontos de produção para o consumismo da classe dominante sejam reduzidos a cinzas.

Greg Jackson critica a esquerda branca em seu “Esquerdistas autoritários: mate o policial que há em sua cabeça”. No mundo da anti-negritude, a brancura é lei e ordem e brancxs são delegadxs (transformados em policiais) pelo Estado, o que significa que suas ações são um resultado do “modo natural das coisas”. Comunas e zonas autônomas lideradas por brancxs replicam as ações do Estado em menor escala. É a isso que Jackson alude em seu ensaio, verdadeirxs “camaradas” brancxs sabem que a importância da autonomia preta é matar o policial que existe em sua cabeça. Assim, lutaremos contra as “zonas autônomas” lideradas por brancxs que replicam o Estado e a antinegritude, como em 2020 após a rebelião de George Floyd, quando na chamada CHAZ, dois meninos pretos foram baleados e um morreu. Isso não é insurreição de forma alguma. As insurreições requerem redes profundas de cuidado e

amor ou morrerão antes que possam se transformar em um movimento revolucionário. Essas zonas autônomas anti-pretxs lideradas por brancxs devem ser atacadas com a mesma ferocidade com que atacamos policiais e milícias brancas. Nem é preciso dizer que esquerdistas brancxs que matam pretxs e reimpõem a supremacia branca em espaços supostamente liberados são nossxs inimigxs.

Supostxs anarquistas pretxs ou esquerdistas que encobrem as tendências violentas e antipretas da esquerda branca também devem ser consideradxs inimigxs. O *tokenismo* existe dentro dos espaços anarquistas. Estamos cansadxs de suas alegações de seus grupos são multirraciais e sem problemas porque eles têm uma pessoa anarquista preta como *escudo*. É estranho que anarquistas e a esquerda em um sentido mais amplo pareçam entender menos o *tokenismo* do que os grupos liberais, embora isso fale do fracasso de qualquer tipo de orientação política anarquista em relação à raça. É evidente que o anarquismo existe como uma cena em vez de um movimento revolucionário quando há vários projetos “anarquistas” de maioria branca em cidades de maioria preta ou POC (N.T.: *people of colour*; em tradução literal, *pessoas de cor*, não-brancas). Além disso, publicar um livro anarquista preto ou ter anarquistas pretxs em um projeto não significa que seu projeto anarquista não seja colonial. Se você é anarquista pretx cobrindo bobagens de anarquistas brancxs, você deveria parar. Não nos importamos se essas pessoas são seus “amigxs”. Se restabelecem a supremacia branca, mesmo como “anarquistas”, são inimigxs.

A esquerda branca, pela primeira vez na história da humanidade, deve priorizar coletivamente o bem-estar do resto do mundo em vez de seu próprio racismo e privilégio cultural. É trabalho de todos os outros grupos de afinidade oprimidos em todo os territórios garantir que ela não tenha escolha a não ser agir em nossos interesses. Nós não somos

nossxs anciãos/ãs. Não temos tempo nem paciência para esperar que a esquerda branca adquira a capacidade moral de se tornar verdadeiramente revolucionária enquanto somos massacrados como cachorros na rua. Ou você vai ajudar a revolução como companheirx ou vamos atacá-lx como inimigxs até que você o faça.

ENTÃO O QUE DEVE SER FEITO?

Devemos começar a perceber que apenas a comunidade lidará efetivamente com o assunto. Não é o sistema capitalista racista, com sua polícia repressiva, tribunais e prisões. Somente nós temos a psicologia e o entendimento para lidar com isso; Agora devemos desenvolver a vontade. Ninguém mais se importa. (Lorenzo Kom'boa Ervin)

Acreditamos na mudança evolutiva e revolucionária. Mudança evolutiva significa prefigurar a nós mesmxs e pessoas próximas para mudanças organizacionais que podemos fazer diariamente em direção ao nosso objetivo final de abolição revolucionária do Estado. Nossas mudanças evolutivas abrem a porta para uma ampliação insurrecional, uma vez que o evento catalisador ocorre. A mudança revolucionária é o acúmulo de ações de todo o povo que resultam em um movimento de massas com o objetivo de direcionar todos os recursos da humanidade para a abolição do Estado, do capitalismo, da autoridade e da dominação, simultaneamente. Envolve toda a humanidade em constante conflito com as forças de opressão a nível interpessoal, comunitário, nacional e internacional.

A insurreição é um evento social, o que significa que tem implicações sociais que ultrapassam as fronteiras internacionais. Assim, como os grilhões do império e do militarismo são atacados e destruídos neste Estado-nação, deve ficar ainda mais evidente em outros Estados-nação

como atacar e destruir a própria forma Estado-nação. Se a América cair, cairá também o gerente do capitalismo internacional e da opressão colonial. A posição insurrecional preta busca replicar a destruição do Terceiro distrito policial de Minneapolis todos os dias e a tomada de uma *Attica*⁶ a cada hora, até que o projeto Americano seja extinto e a terra seja devolvida para aqueles de quem foi roubada. Em outras palavras, buscamos a insurreição permanente e a contra-violência intransigente para desconstruirmos nosso mundo violento. Uma vez que Estados e fascistas não hesitarão em usar todas as armas à sua disposição para atingir seus objetivos, nós também alcançaremos a completa abolição da América como um Estado-nação no sentido social, econômico, político e cultural.

A fim de evitar o isolamento de revolucionárixs pretxs e indígenas, bem como a subsequente concentração da repressão pelo Estado populista e fascista contra nossas comunidades, o movimento exigirá ações corajosas de revolucionárixs de todas as cores, credos e idades, mas especialmente revolucionárixs brancxs. Dizemos isso por causa de sua falha histórica em agir. Referimo-nos às palavras da “Carta Aberta à Esquerda Branca nos EUA” do Exército de Libertação Negra:

Não deveria ser surpresa, então, que a esquerda branca nas nações ocidentais modernas seja inibida por seu próprio desejo de legitimidade burguesa, por seu próprio racismo cultural e pelo próprio processo de cooptação da classe trabalhadora ocidental. A soma dessas partes resulta na falência revolucionária da esquerda branca tradicional nas nações capitalistas modernas.

6 N.T.: Referência à rebelião ocorrida na prisão de Attica em 1971.

Acreditamos que para qualquer ação tomada por anarquistas brancxs, socialistas, comunistas – ou seja lá como vocês se chamem – ser verdadeiramente “revolucionária”, ela não deve apenas atacar a estrutura do poder branco nos pontos de pressão do capital em solidariedade com outras forças auxiliares, mas devem atacar a estrutura do poder branco em casa. Isso significa criar a ruptura psicológica com a branquitude e o privilégio necessário para estabelecer novas relações entre seres humanxs e a própria natureza. Em outras palavras, para preservar a vida de inúmeras pessoas pretas e não-brancas (*black and brown*) oprimidas em todo o mundo, vocês terão de trair seu privilégio branco para se tornar alguém infiltrado branco com a intenção de atacar sua antiga família, amigxs e compatriotas que se recusam a mudar. Os povos do Terceiro Mundo não têm tempo para esperar pelas “conversas difíceis” que vocês tiveram durante o verão de 2020. Enquanto isso, agora, no início de 2022, passamos por vários julgamentos espetaculares desde aquele levante, ilustrando o desejo do sistema de justiça americano de evitar novas rebeliões por parte das massas, condenando assassinos infames como Derek Chauvin e Kim Potter⁷, enquanto o resto dos *vermes* escapa dos assassinatos e agressões que praticam todos os dias. Essa mudança implicará que revolucionárixs brancxs organizem suas próprias equipes antifascistas para combater o Estado e o racismo fascista além de apenas realizar contra-manifestações. Seguindo o exemplo de Michael Reinhoehl⁸, atire para matar.

Não acreditamos em soluções estatais. Também não apoiamos esforços para “tomar” o poder do Estado. Cada um de nossos métodos é um

7 N.T.: Chauvin é o policial branco que matou George Floyd ao sufocá-lo pressionando o joelho contra seu pescoço. Potter é a policial branca que matou a tiros o jovem preto de 20 anos Daune Wright em 11 de abril de 2021. Ambos os casos ocorreram no estado de Minnesota.

8 Ver nota 4.

meio para o fim que é a abolição do Estado. Preferimos métodos de organizações descentralizadas baseadas em afinidades comuns. Uma vez formadas, devemos aumentar essas redes entre grupos locais para redes nacionais e internacionais de resistência auto-organizada, visíveis e subterrâneas. Preferimos tomar decisões a partir de uma série de discussões e chegar a consensos para obter um entendimento e estabelecer solidariedade entre companheirxs de nossa rede e de nossas comunidades. Incentivamos a troca de habilidades, artes e ofícios e o desenvolvimento de novas para, eventualmente, ensinar às outras pessoas à medida que criamos novas estruturas de trabalho e auto-organização em nossas comunidades. Teremos que desenvolver nossos próprios sindicatos autônomos e estágios para desafiar o Estado e a supremacia branca.

Atualmente observamos o que pode ser considerado uma guerra de baixa intensidade entre jovens de nossas comunidades. Devemos iniciar a criação de fóruns e espaços seguros para discutir intervenções tocadas pela comunidade para deter, redirecionar e reduzir a atividade violenta e criminosa em nossos espaços. Assim, o ódio, o desespero e a desolação serão convertidos em atos revolucionários. Em prazer armado contra o Estado e o capitalismo.

Observamos que devemos cultivar uma cultura revolucionária para fornecer uma contra-hegemonia aos temas dominantes de violência intracomunitária e roubo pessoal estimulados por rappers reacionários como Lil Durk, King Von, Pooh Shiesty, Dolph, Nudy e outras celebridades da música e até mesmo do esporte. Essas figuras receberam benefícios e foram apoiadas pela estrutura do poder branco por um motivo. Isso não significa que não podemos lamentar suas mortes ou desfrutar de suas artes e talentos, mas devemos entender seu propósito e função. Há uma razão pela qual o rap passou de uma forma de arte inerentemente conflituosa, *underground* e contracultural para uma que foi coop-

tada e produzida em massa para fins lucrativos e para pessoas brancas. Uma vida reacionária de drogas, dinheiro e fama pode ser apetitosa para alguns, mas devemos de alguma forma inventar maneiras de tornar a próxima insurreição mais atraente para a juventude preta. Podemos construir novos futuros com base em nossos próprios sonhos e comunidades. Devemos desenvolver um novo senso de cuidado entre nós e soluções para a violência por todos os meios necessários. Que seja explícito, podemos atacar o Estado e a supremacia branca, e simultaneamente construir nossa comunidade. “*Black-on-Black*”⁹ é uma invenção branca, assim como a própria noção de “crime”. Abolir o sistema de justiça kkk-riminal. Liberte todxs xs presxs políticxs¹⁰. Liberdade para Larry Hoover. Liberdade para Tay-K. Palestina livre.

Deixar de agir é uma aprovação implícita do genocídio sancionado pelo Estado. Por exemplo, em dezembro de 2021, pretxs representavam 29,6% da população de Chicago, mas respondemos por mais de 80% de todos os homicídios. As pessoas chamadas de “hispânicas” representam 28,8% da cidade e apenas 13% de todos os homicídios. Já as brancas representam 50% da cidade e apenas 3,8% de todos os homicídios. Observamos que a grande quantidade de recursos educacionais e de saúde mental, opções de alimentação saudável e oportunidades extracurriculares estão nas comunidades brancas. Esses recursos devem ser apreendidos e reproduzidos em todas as comunidades carentes durante a insurreição para beneficiar a todxs. Caso contrário, devem ser destruídos para não beneficiar ninguém. A violência revolucionária deve se espalhar do subúrbio para as áreas ricas e, assim, criar um novo campo de conflito contra o Estado. Deve-se entender que a polícia municipal, es-

9 N.T.: no literal, *de pretx para pretx*. Termo utilizado para se referir ao consumo de produtos de empresas de pessoas pretas.

10 N.T.: **consideramos importante ressaltar que todx presx é um presx político.**

tadual, federal e, por extensão, o exército são quem mantêm esse arranjo violento pela força e, portanto, devem ser destruídos pela força. Devemos construir redes de proteção e movimentos dentro e fora de nossas comunidades.

A história nos diz para termos cuidado com a esquerda branca inativa. Acreditamos que inação é cumplicidade com a supremacia branca. Na verdade, acreditamos ser uma inação intencional, deliberada, devido à caracterização de movimentos coletivos de libertação de brancxs desde que fomos trazidxs para cá como escravxs. Ao longo de nosso tempo neste continente, o *status quo* em relação às pessoas pretas alvos da violência racializada por meio de proprietários de escravizadxs e posteriormente da polícia tem sido bastante aceita. Entendemos que ainda somos escravxs neste sistema e você também entende isso. Uma falha da esquerda branca em organizar uma contra-violência à supremacia branca em coalizão conosco resultará no povo preto sem outra escolha a não ser avançar contra a comunidade branca com força. Se não, provaremos que somos todxs humanxs e que podemos viver e morrer pela violência da mesma forma e nas mesmas taxas. Nas palavras do Élder George Jackson: *“Nosso compromisso é com as armas, nossos inimigos são instituições e qualquer pessoa com interesses investidos nelas, mesmo que esse interesse seja apenas um salário. Se revolução significa guerra civil – nós aceitamos, e quanto mais cedo começar, mais cedo terminará.”* Essa é a nossa promessa, caso um movimento revolucionário contra a classe dominante seja impossibilitado pelas massas brancas em todo o país.

A juventude preta matriculada no sistema universitário amerikano deve aceitar a universidade como um local da maquinaria da supremacia branca e trabalhar para interromper suas operações. Devemos levar qualquer informação útil das universidades de volta para nossas comunidades para educar, organizar e propagandear tanto entre mais jovens

quanto mais velhxs do que nós. A universidade, assim como o próprio Estado, serve apenas para o desenvolvimento da classe neocolonial de pretxs e para a cooptação de movimentos liderados de baixo para cima. A universidade na Amérika, seja “historicamente preta” ou não, é o poço do “gerenciamento de crises” e nunca encontrará soluções reais para os problemas que cria. É uma fossa de dívidas de empréstimos estudantis e exploração de trabalhadorxs. Devemos deixar as afiliações burguesas e as oportunidades corporativas para trás nas universidades em preparação para a insurreição que se aproxima.

A única alternativa para as massas é a revolução ou a morte. O prolongado genocídio das massas oprimidas está aumentando com a crise política, social e econômica do COVID-19 e ao lento colapso deste sistema. A hora de mudar é agora.

As atuais tendências insurrecionais nos Estados Unidos tendem a carcer de qualquer tipo de política genuína que seja antiopressiva ou que se mova pelas margens, como dizem xs Anarkatas¹¹. Em vez disso, elas tendem a ser dominadas por homens que só querem combater. Não acreditamos que haja revolta sem cuidado. Isso é completamente apagado pelas tendências “insurrecionais” que descartam todo trabalho de cuidado coletivo e organização de longo prazo com foco na construção de relacionamentos, categorizando-os como “liberalismo”. Não conseguimos entender como uma insurreição séria será sustentada sem redes

11 N.T.: perspectiva anárquica baseada nos modos de resistência preta que remonta aos tempos pré-coloniais, com comunidades descentralizadas e antiautoritárias. O texto *Anarkata: A Statement* (2019), assinado pelo grupo *Afrofuturist Abolitionists of the America*, discorre detalhadamente sobre essa perspectiva, definindo-a, em linhas gerais, como uma resposta de grupos anarquistas pretos que rejeitam “tanto a *branquitude* do anarquismo tradicional quanto o autoritarismo de algumas formas do nacionalismo preto”.

profundas de cuidado e amor, muito menos sem suprimentos e infraestrutura.

Devemos começar a construir o “*poder dual*”. Queremos deixar explícito que ele, se for construído, deve estar vinculado à insurreição. Cooperativas ou projetos de esquerda que não servem à revolta espontânea das massas pretas são simplesmente projetos de vaidade. Vemos isso na forma como a maior parte da “infraestrutura” construída por esquerdistas foi irrelevante para o levante de George Floyd. O “*poder dual*”, conforme definido em termos anárquicos, são as estratégias de construção de contra-instituições auto-organizadas para combater as atuais instituições capitalistas decadentes. Ênfase na parte de *combate* dessa frase. À medida que construímos nossos grupos de afinidade, devemos criar alternativas à estrutura de poder atual para começar a construir... novos sistemas de justiça, hortas e modos de entretenimento comunitários, defesa comunitária etc. À medida que as instituições são destruídas, novas estruturas de consenso, horizontalizadas e autogeridas, tomarão seus lugares. Ao mesmo tempo, devemos começar a ocupação armada de nossas casas e centros comunitários para nos defender da gentrificação e dos deslocamentos forçados. Pode se tornar inevitável, mas também precisaremos encontrar lugares adequados para nossas comunidades no caso de nossas casas serem destruídas pelas bombas militares dos capitalistas. Se aconteceu com o MOVE¹² em 1985, pode e vai acontecer

12 N.T.: MOVE é um importante movimento radical antiautoritário preto. O texto se refere a uma operação repressiva realizada pelo Estado contra a casa comunitária onde viviam militantes do MOVE ocorrida em 13 de maio de 1985, quando centenas de policiais rodearam o local, na Avenida Osange, 6200, na cidade da Filadélfia. Após o início do cerco, policiais presentes atiraram milhares de vezes contra o edifício, incluindo 4500 balas de M-16, 1500 de UZI e 2240 de metralhadora M-60. Depois, lançaram uma bomba com um potente explosivo C-4 no telhado do prédio que, ao estourar, incendiou a casa e se espalhou pelos imóveis próximos.

hoje. Devemos construir redes de solidariedade e criar soluções anárquicas para os problemas enfrentados por quem busca refúgio na fronteira sul (N.T.: região fronteira com o território dominado pelo Estado mexicano). Devemos fazer tudo isso ao mesmo tempo e a minoria anarquista revolucionária pode começar a agir nessas áreas imediatamente. Devemos nos preparar especialmente para uma escalada na repressão e também para resistir caso uma greve geral se desenvolva entre as massas pretas durante a próxima insurreição. Devemos ter apoio e amor por nossos compas que estão sequestrados nas prisões por fazer os sacrifícios finais pela revolução. Também precisamos conceber maneiras inteligentes de ajudar na sua libertação. A ação de construção de redes de cuidado (*não utilizamos o apoio mútuo por acharmos que esse termo, na maioria dos casos, já foi cooptado*) é um ato insurrecional se feito de forma a não mediar conflitos com o Estado.

Muitos de nossos compas não podem correr o risco de serem presos, feridos ou mortos porque são provedores de outros ou não podem participar nas ruas por causa de alguma dificuldade/restrrição (*disability*). Se as insurreições são destinadas a serem sociais e não militares, por qual motivo a maioria das formações e teorias insurrecionais parecem não incluir as pessoas mais marginalizadas em nossa sociedade? Todas devem participar de uma insurreição e isso exige que foquemos nas mais marginalizadas.

Os bombeiros foram impedidos de agir e a polícia disparou repetidas vezes contra as pessoas que tentavam fugir do espaço; algumas delas foram cravejadas por tiros, outras foram devoradas pelas chamas. Em seguida o incêndio se estendeu para as casas próximas. No fim da operação de extermínio, os assassinos fardados haviam matado onze pessoas, incluindo 5 crianças. Reduziram a cinzas um quarteirão inteiro, deixando 250 pessoas sem teto. Somente 2 pessoas da casa MOVE sobreviveram: Ramona Africa e Birdie Africa, então com 13 anos. Para mais informações sobre o movimento, acesse <http://onamove.com>.

A PERSPECTIVA DA VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA

*Esta parte é dedicada a Sandra, Rekia, Breonna, Korryn
e muitxs outrxs que perdemos cedo demais.
Nós te amamos. Lutamos em sua memória.*

Eu não tenho ilusões. As palavras são ou não compreensíveis de acordo com sua situação real. Damos-lhes espaço e credibilidade apenas quando se enquadrarem nos nossos esquemas e nas nossas certezas.

Os mecanismos de defesa automatizam e impedem que a própria mensagem seja recebida. Se não fosse assim, o Iluminismo já teria mudado definitivamente o mundo há duzentos anos.¹³

(Alfredo Bonanno)

Não se engane, pretendemos usar todos os métodos à nossa disposição para criar um mundo novo. Isso significa, literalmente, mudar a nós mesmxs, o mundo ao nosso redor e as condições dessas mudanças por qualquer meio necessário. Compreendemos a potência revolucionária da violência ao longo da insurreição e da revolução subsequente, bem como compreendemos a propensão reacionária à violência na era atual do fascismo, da opressão racial, sexual e cultural. Entendemos que uma das ferramentas históricas à nossa disposição tem sido a utilização de armas na luta. É importante notar que esta não é a única ferramenta à nossa disposição, mas ela é fruto de um desenvolvimento contínuo e uma síntese das lutas atuais e passadas. De fato, tanto a vida quanto o sangue de nossxs jovens, idosxs e ancestrais foram derramados para fornecer o ímpeto econômico para o atual arranjo corporativista da classe dominante e o ímpeto sociológico para o racismo, sexismo, homofobia e

13 N.T.: Retirado do texto *Lotta rivoluzionaria e insurrezione*.

transfobia generalizados que assolam a sociedade atual. Este sistema não se importa com nossas vidas, famílias, compas ou esperanças e sonhos que pretendemos proteger com as armas enquanto atacamos cada um dos principais pontos produtivos do capital.

Essas estratégias se desenvolverão à medida que as rebeliões futuras se transformarem em insurreições mais longas, à medida que a sociedade se transformar em uma condição favorável para a revolução que está sendo fomentada entre massas de povos despossuídos. Vamos unir, inspirar e proteger nossa comunidade e construir laços com projetos revolucionários armados autônomos em todo o planeta.

Desejamos a destruição do capital, do policiamento, das hierarquias raciais e sexuais e de todas as formas de opressão sexual e cultural. O movimento insurrecional, no futuro próximo, se baseará nas já mencionadas redes de cuidado desenvolvidas por meio de expropriações revolucionárias de capital e recuperação de territórios para criar condições favoráveis ao crescimento de uma Comuna Preta. A única maneira de começar a proteger esses projetos revolucionários enquanto desferimos golpes no Estado é pela compreensão e proliferação do *prazer armado*. Por *prazer armado* queremos dizer a luta armada auto-organizada de uma comprometida minoria anarquista preta atingindo e se proliferando entre as massas pretas para, assim, fornecer gasolina para o incêndio que eminentemente queimará a *plantation*¹⁴ amerikana em todo o seu esplendor capitalista e iniciar a tão esperada revolução social no momento crítico. Ao iniciar este ataque, pretendemos dar a nossxs filhxs uma chance de sobreviver neste planeta, independentemente dos medos da Amerika branca e da quase inexistente esquerda branca, particularmente aqui neste território.

14 N.T.: referência ao sistema econômico agrícola do período colonial, fundado, sobretudo, na escravização de pretxs e indígenas.

Entendemos, a partor das fatalidades ocorridas em Kenosha¹⁵ que o Estado ajudará fascistas que matem brancxs que se opõem à sua ocupação, seja pacífica ou não. Encorajamos compas não-pretxs dedicadxs a lutar contra a opressão de suas próprias maneiras, enquanto aprendem genuinamente com a luta e a linha de frente formada por compas pretxs. Devemos encontrar as melhores maneiras de resistir juntxs.

No entanto, não hesitaremos em usar armas contra “aliadxs” que deliberadamente interpretam mal nossas ações para justificar a repressão do Estado ou cujas ações imprudentes causam danos às nossas comunidades. Devido à ganância dos capitalistas e imprudente gestão que coloca grandes quantidades de drogas e armas em nossos territórios, nossas comunidades já estão bem armadas e proficientes no uso delas como ferramentas de ódio e autodestruição. Eles serão forçados a ver quem são inimigos verdadeiros. As armas que os capitalistas criaram para nos destruir irão destruí-los. Os fabricantes internacionais de armas dos capitalistas também são nossos inimigos. Não pode haver paz até que todos os modos opressivos de produção sejam destruídos. Ou seja, nossa última arma será despojada e destruída quando o último capitalista estiver morto e os métodos de reprodução de armas de fogo não forem mais necessários. Até lá, nenhum policial é inocente e nenhum militar será poupado de nossas balas.

Exortamos as novas milícias como a *Ku Klux Klan* a pensar duas vezes antes de atacar nossas comunidades. Não hesitaremos em nos defender. Argumentamos que a violência que fez do capitalismo racial em ge-

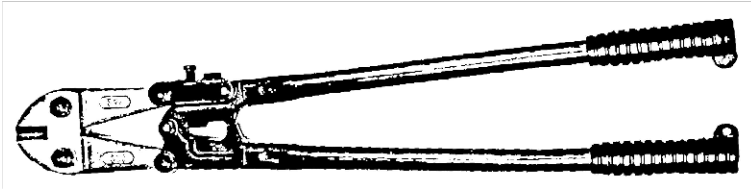
15 N.T.: durante os levantes antirracistas que explodiram no território norte-americano, o fascista Kyle Rittenhouse atacou com tiros de fuzil AR-15 uma manifestação na cidade de Kenosha ocorrida em 25 de agosto de 2020. Esse ataque causou o assassinato de Joseph Rosenbaum e Anthony Huber, bem como feriu o paramédico Gaiage Grosskreutz. Após o julgamento, foi inocentado pela justiça dos Estados Unidos.

ral e do fascismo amerikano em particular o centro cultural e econômico do mundo irá destruí-lo, bem como tudo o que ele representa de dentro para fora.

CONCLUSÃO

Este documento de forma alguma fala da vontade objetiva das massas pretas como um todo. É simplesmente uma reflexão de compas anarquistas em nossa tentativa de documentar como vemos o anarquismo insurrecional e o caminho para a insurreição. Este documento foi fruto de conversas e lutas. Saudamos as críticas, o estudo e a prática. A revolução social no contexto dos Estados Unidos decorrerá das ações das massas pretas. Embora anarquistas e insurrecionais devam participar, entendemos que as massas pretas guiam o curso dessa história. Não podemos enfatizar o suficiente que anarquistas e revolucionárixs pretxs devem assumir as questões críticas da estratégia revolucionária nos próximos anos. Não podemos permitir que anarquistas brancxs ou vanguardistas pretxs ditem como nos movemos. Esperamos que este texto gere discussão, organização e mais ações dentro dos círculos anarquistas pretos. Enquanto muitxs anarquistas pretxs estão ocupadxs fazendo anarquia, nós sentimos que o anarquismo preto precisa de mais reflexão e teorização para ampliar o escopo do que é possível.

Sigamos sempre em direção à insurreição e à comuna preta!



EDICOESINSURRECTAS.NOBLOGS.ORG

